

A FIGURA FEMININA NO PROCESSO ESCRITURAL DE DANTE ALIGHIERI

Isabel de Souza Santos (UFG/CAPES)
bellef111@gmail.com

Resumo: Dante Alighieri é conhecido, sobretudo, como o autor da *Comédia*, poema que o consagrou. Entretanto, a sua iniciação poética se dá com *Vida Nova*, livreto que anuncia o procedimento temático e escritural que adotará na sua obra prima. *Vida Nova* marca a estreia do poeta no mundo literário. Nesse livro juvenil, de caráter iniciático, ele estabelece diálogo com os *Fiéis do Amor*, milícia secreta e espiritual que se voltava para o culto à mulher e à iniciação no mistério do amor. O feminino, em Dante, liga-se à ideia de amor, proteção, acolhimento, paraíso, salvação e elevação espiritual. Neste trabalho, pretendemos analisar a presença feminina no poeta florentino, relacionando-a ao processo de individuação do sujeito inscrito na sua obra poética. Com esse intuito, nos voltaremos para as personagens de Beatriz, musa inspiradora e *leitmotiv* do poeta; Maria, a mãe de Cristo; Luzia, a santa protetora dos olhos e de quem Dante era devoto; e Matelda, a bela jovem do Paraíso Terrestre. Nosso objetivo é mostrar como essas figuras são basilares na construção lírica do autor, singularizando-o por fazer da mulher figura poética que o circunscreve como sujeito de uma linguagem própria. Para tal, nos reportaremos aos conceitos de mito elaborados Gilbert Durand e André Siganos; aos postulados de Ernest Robert Curtius acerca da figura de Beatriz enquanto mito; aos conceitos de figura, de Erich Auerbach; e aos conceitos, de símbolo, de anima e de individuação, de Carl Gustav Jung.

Palavras-chave: Beatriz. Dante. Guias. Feminino. Mito. Individuação

A estratégia textual de Dante Alighieri, na *Comédia*, ao se inserir como personagem que faz a narrativa acontecer, geralmente em diálogo, faz do poeta um escritor transgressor para os padrões vigentes até então. Isso garante subjetividade à obra, assim como não demarca de maneira nítida a ideia de escritor, autor e personagem. Observamos que a personagem dantesca condensa temas, relacionando-os aos vários conhecimentos de sua época, como política e história, ao mesmo tempo em que insere na obra coisas da sua vivência pessoal, como o amor por Beatriz que costura toda a narrativa.

Para Eduardo Sterzi (2008), a autobiografia mítico-poética de *Vida Nova* se inicia quando o poeta tem nove anos e foi impulsionada pelo primeiro acontecimento digno de entrar para a sua narrativa da descoberta ou construção de si como poeta: o encontro com Beatriz. Curtius (1996, p. 457), ao comentar sobre os guias de Dante, assevera ser a função de Beatriz a mais densa, pois o despertar do poeta para um sentimento religioso e sua purificação suscitados pela mulher amada são experiências psicológicas que podem manifestar-se de diversas formas. O estudo de Curtius aponta a Beatriz reestilizada e transformada por Dante no mito da senhora nove. Segundo o crítico, “a reestilização de uma dama ‘real’ num mito, num símbolo ou numa alegoria foi ainda praticada por Dante quando transformou a *donna gentile* da *Vita Nuova* na dama Filosofia do *Convívio*” (CURTIUS, 1996, p. 461).

Com base na assertiva de Curtius, compreendemos a Beatriz mitológica à luz de André Siganos e Gilbert Durand. Para o primeiro, existem dois tipos de mito: o literário e o literalizado. Siganos (1993) procura diferenciar o mito enquanto narrativa de caráter arcaico e fundador do mito literário. O primeiro é denominado mito literalizado, cuja existência é

oriunda de relatos orais; o segundo apresenta inúmeras versões literárias a partir de um texto literário historicamente datado. Dante, por meio do discurso literário, immortaliza Beatriz, transformando-a em mito, cujo nascimento se dá no seio da literatura e pela literatura é revisitado e atualizado.

Ao reestilizar Beatriz, Dante o faz pela reconstituição poética da palavra, por meio do discurso que é também revelação do mito. Para tal, traz sua experiência de vida transfigurada em linguagem, sublimada na imagem simbólica de amada. Neste sentido, a concepção durandiana acerca do mito explica a construção poética e mitológica de Beatriz. Durand (2002) assevera ser o mito esboço de racionalização, visto que utiliza o fio do discurso, em que os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias. Para ele, da mesma forma que o arquétipo impulsiona a ideia e o símbolo produz o nome, o mito promove a doutrina religiosa, o sistema filosófico, ou ainda a narrativa histórica e lendária. Retomando Curtius, Beatriz se imiscui na tessitura da poética dantesca numa rede *ars combinatoria* de mito, símbolo, arquétipo, alegoria e ainda configura-se como figura, segundo Erich Auerbach.

Auerbach, em *Figura* (1997), faz um levantamento histórico da palavra figura para mostrar a evolução semântica desse vocábulo. O sentido adotado por Auerbach (1997) é o histórico. Ele recorre às personagens Catão de Útica, Virgílio e Beatriz, que têm registros históricos, para comprovar suas existências. Beatriz fez parte da experiência de vida do poeta, experiência essa, que, para Auerbach (1997) revela a Beatriz terrena como milagre e encarnação da revelação divina. Desse modo, ela é a figura que preenche a prefiguração de Cristo e o milagre que salva o poeta, fazendo-se de caminho até Deus. É importante ressaltar que outras personagens femininas agem em favor de Dante, no entanto, ele só aceita a empreitada de viajar pelos três mundos porque Virgílio mantém vivo em sua memória o reencontro com a amada.

O ensaio de Auerbach rejeita Beatriz e outras personagens d'A *Divina Comédia* como meras alegorias. A alegoria, à qual se refere o teórico alemão, é a dos padres da Igreja, daí Beatriz ser vista por muitos dantólogos como revelação da verdade de Deus. Também para Curtius, Beatriz – apesar de apresentar traços alegóricos – os transcende, ao não se restringir à personificação de uma ideia, como Santa Luzia é lida como “graça iluminante” (CURTIUS, 1996, p. 461). Beatriz como símbolo é elemento mediador entre o consciente e o inconsciente, opera como força divina que propicia ao sujeito lírico sua elevação e purificação espiritual. Na perspectiva de Jung (2008), o símbolo pode ser um termo, um nome, até mesmo uma imagem familiar, da vida cotidiana, mas que deve possuir conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. É nessa perspectiva que Beatriz afigura-se como símbolo na obra de Dante.

Beatriz, em *Vida Nova*, representa o amor à primeira vista na vida do poeta. Nas palavras de Marie-Louise von Franz (2008, p. 239), “É a presença da alma que faz um homem apaixonar-se subitamente, ao avistar pela primeira vez uma mulher, sentindo de imediato quem é ‘ela’”. A primeira aparição de Beatriz na vida de Dante ocorre quando ambos tinham nove anos de idade. Nessa primeira visão, ela desperta no poeta o sentimento que irá persegui-lo por toda a sua vida.

A mulher em Dante se circunscreve no processo escritural do autor não apenas no sentido temático, mas enquanto estratégica de escrita. O aparecimento de Beatriz modifica a vida de Dante totalmente, pois ela encerra, para ele, o arquétipo do grande amor. Para Eduardo Sterzi é movido por esse sentimento que Dante inicia sua vida poética. Em *Vida Nova*, segundo Sterzi, Dante tem empréstimos diretos da tradição trovadoresca. Os trovadores medievais eram adeptos da fase mariana, à qual o poeta filia-se, o que explica a importância assumida por Maria n'A *Divina Comédia*. No canto II, declara Virgílio a Dante: “Se três mulheres lá, Benditas, tens/ pra te cuidar na corte celestial/ e o meu dizer te augura tantos bens?” (ALIGHIERI, 1998a, p. 35, II, v. 124-126).

De acordo com Robert Bonell (2005), a missão de guia confiada a Virgílio tem como suporte três Damas do Céu: Beatriz, que representa a Verdade revelada pelo Espírito Santo; a Virgem, a Misericórdia Divina; e Santa Luzia, a Graça Iluminadora. Virgílio se transforma em guia de Dante após Santa Luzia advertir Beatriz do perigo pelo qual passava o poeta. A musa de Dante vai a seu socorro e incumbe Virgílio de guiá-lo em sua viagem pelo Inferno e Purgatório. Essas três damas servem de suporte para que Dante possa elevar-se espiritualmente, libertando-se de uma vida de pecados que é simbolizada pela selva escura: “A meio caminho de nossa vida/ fui me encontrar em uma selva escura:/ estava a reta minha perdida (ALIGHIERI, 1998a, p. 25, I, v.1-3).

Se analisarmos – à luz da psicologia analítica – a viagem empreendida por Dante, nos certificaremos que ele desempenha funções semelhantes às de um herói em percurso iniciático, a quem são impostas provas. Nesse sentido, aproxima-se, por exemplo, de Psiquê, que, ao descobrir a verdadeira face de Eros, passa por inúmeras provas até o reencontro com o deus do amor. Nessa jornada, eles possuem em comum não apenas o desejo de reencontrar o amor perdido, mas também a obtenção da imortalidade, ela, por intermédio dos deuses, ele, pela literatura. A viagem de Dante poderia ser comparada a de vários heróis como: Orfeu, Enéias e Hércules.

A travessia de Dante pelo Inferno, Purgatório e Paraíso pode ser, simbolicamente, vista como viagem da alma, na qual há a busca pelo crescimento psíquico. Marie L. Von Franz (2008) assinala que esse crescimento ocorre com a harmonização do consciente com o centro interior. Concorre para tal as várias manifestações e personificações da *anima*. Dentre elas, queremos destacar: a influência da mãe; o sonho de um amor irreal; o papel de guia, em que ela cita Beatriz; a Virgem Maria; Eros; e a dama para quem os heróis se voltavam. Todas essas manifestações se fazem presentes nas duas obras de Dante, aqui analisadas. Em *Vida Nova*, tem-se o nascimento do amor de Dante por Beatriz, ou encontro com sua *anima*. De acordo com Jung (2008), na Idade Média, era comum pensar que cada homem trazia dentro de si uma mulher, presença feminina que nomeia de *anima*, vista por ele como maneira secundária pela qual o homem se relaciona com o ambiente e com as mulheres que o circundam.

A projeção da anima em casos, no quais ocorrem o amor e as dificuldades que o acompanham, segundo Marie L. Von Franz (2008), é causada pelo inconsciente, cujo objetivo é forçar o homem a desenvolver e amadurecer o seu próprio ser, isso possibilita uma melhor integração da personalidade inconsciente, assim como traz à tona a realidade da vida. Beatriz é essa voz interior que recrimina Dante por suas atitudes imaturas,

tal estava eu, quando ela disse: “Quando
o que ouças te doer, levanta a barba,
E mais desgosto colherás olhando”.

[...]

que com que, ao mando seu, ergui o mento,
que pela “barba” ao pedir meu olhar,
constatei o veneno do argumento (ALIGHIERI, XXXI, v. 67- 69; 73-74, 1998b, p. 203).

Dante, diferente dos heróis que antecedem a *Comédia*, se mostra fragilizado quando desmaia, recorrendo sempre ao seu guia Virgílio e apresenta um caráter infantil na presença de Beatriz:

Vencido pelo espanto, à minha guia
voltei-me, como criança que corre
sempre pro lado no que mais confia

e ela, então, como faz mãe que socorre
prontamente o assustado filho seu,
co' a voz que faz do temor se aforre, (ALIGHIERI, 1998c, p.155 XXII, v.1-6).

Como podemos apreender dos versos citados, Beatriz se assemelha a uma mãe recriminando o filho. Essa configuração assumida por Beatriz faz dela, também, arquétipo da Grande Mãe, devido às suas características de proteção e acolhimento. Para Franz (2008), tais aspectos podem ser estendidos à Virgem Maria, símbolo máximo do cristianismo, a mãe do Salvador, que conserva somente os atributos positivos da Grande Mãe, enquanto que os traços negativos foram apagados pela consciência cristã.

Maria, n'A *Divina Comédia*, é quem prepara Dante para que ele possa contemplar a plenitude de Deus. Ela é apresentada com magnitude e os versos que lhes são dedicados são carregados de lirismo. É vista como símbolo de grandeza e elevação espiritual, substituindo o próprio Filho no caminho que leva até o Pai. Jung (200), ao sublinhar alguns traços do aspecto materno, afirma que são atributos do maternal: a mágica autoridade do feminino, sabedoria e elevação espiritual; o que cuida e o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento. Desse modo, as características da Grande Mãe em seus aspectos positivos coadunam-se com as funções desempenhadas pelas figuras femininas em Dante. Segundo Jung (2007, p. 39), a *anima* para o homem da antiguidade era representada como uma deusa ou bruxa, enquanto o homem medievo a substitui “pela Rainha de Céu e pela Mãe da Igreja”, sendo essa última figuração que está presente na obra dantesca.

Maria ocupa, na Rosa dos Bem-Aventurados, uma posição de destaque. Ela está situada entre os que vieram antes e depois de Cristo. Isso é altamente coerente, pois ela é quem traz o Salvador ao mundo, realizando assim as profecias dos antigos e instaurando uma nova lei, ela é a ponte que une a Velha e a Nova Aliança. No canto XXXII, São Bernardo, ao instruir Dante acerca da Rosa Mística, diz que Eva está aos pés da Virgem, ou seja, Maria é redentora do pecado cometido pela primeira mulher, segundo *a Bíblia*.

A Rosa une o povo de Deus, tanto os do Velho Testamento, quanto os do Novo. Dante é acolhido, protegido, recebe os cuidados de Maria, Luzia e Beatriz. Elas lhe possibilitam o crescimento espiritual, o desenvolvimento de sua anima, ou seja, da sua personalidade feminina que encontra em estado de inconsciência, nas palavras de Jung (2008, p. 37), “a imagem da *anima* é geralmente projetada em mulheres”.

Nesse processo de crescimento e revelações, o poeta recebe o amparo de Santa Luzia, que está sempre a velar pelo seu devoto. A Santa é o olhar iluminador que atravessa a selva escura do Inferno, é quem, no Purgatório, transporta o poeta na sua jornada rumo ao Pai. No canto IX do Purgatório, Dante adormece e sonha que uma águia de ouro lhe transportara até a esfera de fogo, mas, segundo explicações de Virgílio, esse fato ocorrera graças a Santa: “Mulher veio e me disse: ‘Eu sou Luzia,/ a esse que dorme deixa-me votada/para ajudá-lo em sua penosa via’” (ALIGHIERI, 1998b, p. 63, IX, v.55-57).

Nessa jornada arquetípica pela individuação, Dante, após enfrentar os perigos do reino infernal, passar pelo mundo sofrido – mas esperançoso do Purgatório –, chega ao Paraíso Terrestre, situado no cume do Purgatório e que funciona como portal para o Paraíso Celestial, local onde encontra Matelda, uma bela e enigmática jovem, que irá mergulhá-lo nos rios Eunoé e Letes. A presença de Matelda no Paraíso Terrestre pode ser lida como prenúncio, prefiguração da chegada de Beatriz.

De acordo com Sardagna (2006), o ato de mergulhar Dante no Letes é uma das grandes funções desempenhada por Matelda e a caracteriza como ministra litúrgica. Ela metaforiza a Igreja no que concerne a administrações dos sacramentos instituídos por Cristo.

Dante é imerso no Letes, que, na mitologia grega é o rio do esquecimento, e se banha nas águas do Eunoé, rio criado por Dante; se o primeiro leva ao esquecimento das coisas indesejadas do passado, o último preservará os acontecimentos e lembranças positivas e, principalmente, que ele não se esqueça das experiências vivenciadas na sua viagem.

Nosso objetivo foi mostrar que a mulher em Dante são figuras atuantes, que juntas levam o poeta a mais alta realização, contemplar Deus. O final d'A *Divina Comédia*, ainda, pode ser lido como o deslumbramento do próprio poeta que chega ao indizível ao atingir o estado de graça proporcionado pela conclusão de sua obra, da qual tem consciência ser grandiosa. Assim, contemplar a Deus seria o mesmo que contemplar a própria imagem, pois ambos partilham do processo de criação. Nesse percurso, as figuras femininas participam do seu processo iniciático, elevando-o ao processo de individuação na própria escrita, singularizando-o por fazer da mulher figura poética que o circunscreve como sujeito de uma linguagem própria.

Referências

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Trad. Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Ed.34, 1998. 3v.

_____. *Vida Nova*. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2003.

AUERBACH, Erich. *Figura*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1997.

BONNEL, Robert. Dante, o grande iniciado: uma mensagem para os tempos futuros. Trad. Fulvio Lubisco. São Paulo: Madras, 2005.

CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo:Hucitec: Edusp, 1996.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 3.ed, São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANZ, M. L. Von. O processo de individuação. In: (Org.) JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. 2ª. ed. (especial).Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 2007- 307.

JUNG, Gustav. Chegando ao inconsciente. In:_____. *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. 2ª. ed. (especial). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 15- 131.

_____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SARDAGNA, Célio Antonio. *Leitura do Purgatório da Divina Comédia: o cenário, uma mulher e a procissão no Paraíso Terrestre*. 2006. 134f. Dissertação (Mestrado). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade de Santa Catarina. www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0245.pd.

SIGANOS, André. *Le minotaure et son mythe*. Paris: PUF, 1993.

STERZI, Eduardo. *Por que ler Dante*. São Paulo: Globo, 2008.

